



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **PERMANECER NA UNIVERSIDADE: AFILIAÇÃO INTELECTUAL E INSTITUCIONAL DE ESTUDANTES DE ORIGEM POPULAR**

Monalisa Peixoto Soares ([psicomonalisa@gmail.com](mailto:psicomonalisa@gmail.com) - Universidade Federal de Campina Grande);

Virginia Teles Carneiro ([virginiateles@gmail.com](mailto:virginiateles@gmail.com) - Universidade Federal de Campina Grande);

Maria Smith Pereira ([smith\\_pereira6106@gmail.com](mailto:smith_pereira6106@gmail.com) - Universidade Federal de Campina Grande);

Lorrane Beatriz Rodrigues Firmino ([lorrane.firmino@hotmail.com](mailto:lorrane.firmino@hotmail.com) - Universidade Federal de Campina Grande);

Lorena Cabral de Lima Santos ([lorena\\_cabraldelima@hotmail.com](mailto:lorena_cabraldelima@hotmail.com) - Universidade Federal de Campina Grande).

Nos últimos anos a universidade tem ganhado novos contornos, permitindo um maior acesso de estudantes de origem popular, contudo, a permanência ainda é algo preocupante. Nessa pesquisa de caráter qualitativo, buscamos investigar a vida universitária e compreender as estratégias criadas por estudantes de origem popular para se afiliarem a universidade no âmbito institucional e intelectual. Tendo como referência a Etnometodologia, o público pesquisado foi composto por cinco estudantes, sendo cada um deles vinculado a um centro do campus central da UFCG, o de Campina Grande. Foram realizadas cinco entrevistas, que foram gravadas em áudio e transcritas, e duas observações, registradas em um diário de campo. Os dados foram interpretados através da Análise Temática uma das modalidades da Análise de Conteúdo, que resultou em três temas: o início da vida universitária e os rompimentos necessários; a adaptação progressiva e suas estratégias e a afiliação e o manejo das regras. Os resultados encontrados corroboram com a literatura pesquisada, chamando atenção para a necessidade de a universidade desenvolver ações que melhorem o suporte oferecido para estudantes, não só com políticas de permanência, mas também investigando profundamente quais motivos levam ou não à desistir da graduação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudantes universitários, Etnometodologia, Afiliação, Origem popular.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## INTRODUÇÃO

A vida universitária é composta por diversas situações que podem dificultar ou contribuir para a permanência do estudante na universidade. Considerando o aumento das possibilidades de ingresso em Instituições de Ensino Superior no Brasil, e, conseqüentemente, o crescimento do número de alunos, é essencial compreender como esses estudantes vivenciam a universidade e como lidam com as múltiplas exigências, além de identificar suas dificuldades e escutar suas sugestões.

Este artigo objetiva compreender as estratégias criadas por estudantes universitários de origem popular para se afiliarem a universidade no âmbito institucional e intelectual. Para isso, fez-se necessário identificar as principais diferenças percebidas pelos estudantes entre o contexto de ensino médio e o do ensino superior; verificar as dificuldades vivenciadas pelos estudantes no meio acadêmico que interferiram diretamente no seu processo de adaptação a esse ambiente; identificar as estratégias utilizadas pelos referidos estudantes para lidar com a rotina, com as regras institucionais da universidade e também compreender os dispositivos utilizados por este público para cumprir exigências acadêmicas que demonstrassem a apreensão de conteúdos intelectuais.

A partir do conceito de afiliação do pesquisador Alain Coulon (2008) compreende-se que é importante aprender o ‘ofício de estudante’, ou seja, assimilar códigos e rotinas do ensino superior. O autor, um dos principais representantes da Etnometodologia, se baseia na hipótese de que os estudantes que não conseguem afiliar-se à universidade fracassam, definindo a afiliação como “o método através do qual alguém adquire um status social novo” (COULON, 2008, p. 32). A afiliação pode ocorrer em três tempos: do estranhamento (contato com novos contextos), da aprendizagem (processo de elaboração de estratégias) e da afiliação (vivenciar a graduação como ‘estudante profissional’). Quanto às formas de afiliação, Coulon (2008) aponta a institucional, que consiste em compreender a dinâmica da universidade enquanto instituição dotada de regras e formas particulares de executá-las; “o aluno deve adaptar-se aos códigos do ensino superior, aprender a utilizar suas instituições e assimilar suas rotinas” (COULON, 2008, p. 32); e a intelectual, em que competências acadêmicas são usadas

para apreender os conteúdos transmitidos em sala de aula e, assim, “navegar com facilidade na organização, exposição e utilização adequada dos saberes” (COULON, 2008, p. 239), a fim de passar pelas etapas necessárias até concluir o curso.

É válido ressaltar que a afiliação não é um processo que ocorre de forma homogênea, mas que comporta etapas que são vivenciadas de formas distintas e em tempos diferentes pelos estudantes. Com o objetivo de investigar como se dá a afiliação estudantil, buscando compreender suas particularidades, escolhemos como referência norteadora a etnometodologia. A etnometodologia, segundo Coulon (2008), se configura como uma ferramenta útil para conhecer a subjetividade dos atores, à medida que se interessa mais pelo “social se fazendo” do que pelo “social consolidado”, ou seja, a forma como os atores sociais constroem seu mundo familiar e cotidiano.

Apesar da ampliação das formas de acesso, prevista pela Lei de Cotas Nº 12.711 (BRASIL, 2012), pouco se tem investido na universidade e seus alunos como alvo de estudos. Portanto, concordando com as exposições de Zago (2006), entendemos que o estudo da afiliação com estudantes de origem popular é essencial para entender as transformações nas demandas e nas práticas educacionais, assim como identificar o novo perfil dos estudantes na sociedade contemporânea representa uma necessidade para a pesquisa e para as políticas em todos os níveis de ensino.

## MÉTODO

Para imergir na realidade dos estudantes e compreender suas vivências, foi escolhido como método para a produção e coleta de dados a observação participante e a entrevista semiaberta (MINAYO, 2006). Os participantes selecionados foram estudantes de origem popular, que apresentaram renda familiar bruta *per capita* igual ou inferior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo e estudaram em escola pública. A fim de abarcar a diversidade da instituição, o grupo foi composto com um estudante de cada centro do campus de Campina Grande (Centro de Humanidades, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Centro de Engenharia Elétrica e Informática, Centro de Ciências e Tecnologia e Centro de Tecnologia e

Recursos Naturais). Para preservar a identidade dos entrevistados, foram adotados os codinomes Bem-te-vi (aluna do segundo período de Física - Bacharelado), Sabiá (aluno do quarto período de Medicina), Rouxinol (aluna no quarto período de Geografia – Licenciatura), Colibri (aluno do quarto período de Engenharia Elétrica) e Pardal (aluna do quarto período de Engenharia de Minas). Foram realizadas cinco entrevistas, a partir das quais duas estudantes foram acompanhadas em suas rotinas, Bem-te-vi e Pardal. Essas observações foram escritas em um diário de campo e este foi utilizado como suporte para compreensão das entrevistas quando necessário. As entrevistas foram gravadas e transcritas para fins de análise. Os dados foram interpretados através da Análise Temática (MINAYO, 2006), considerada uma das modalidades da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2006). A pesquisa obedeceu todas as determinações previstas para Pesquisas com Seres Humanos, obtendo parecer favorável do Comitê de Ética (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética 34471314.6.0000.5182). Assim, todos os entrevistados participaram voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Através da análise temática proposta por Minayo (2006), intercalamos as falas com o que a literatura traz e problematizamos os resultados com outros autores pertinentes ao assunto Vida Universitária (PIOTTO, 2008; NERY, 2011; GUARNIERI; MELO-SILVA, 2010; COULON, 2008). Com base nas entrevistas, no diário de campo e no suporte teórico, definimos os seguintes recortes temáticos: 1. O início da vida universitária e os rompimentos necessários; 2. A adaptação progressiva e suas estratégias; 3. A afiliação e o manejo das regras.

O início da vida universitária é acompanhado por modificações em diversas instâncias, como nas condições de existência e na vida afetiva, mas, principalmente, requer uma nova interpretação do tempo, do espaço e das regras do saber (COULON, 2008). O controle do tempo caracteriza uma das primeiras angústias de um recém-universitário, pois as horas na

instituição aumentam, os conteúdos distribuídos sistematicamente do ensino médio dão lugar a uma avalanche de assuntos nunca antes estudados e a familiaridade da escola é substituída pelo estranhamento da universidade. Nesse contexto, foi possível identificar duas categorias: **cobrança maior em relação ao ensino médio e repercussão das deficiências da escola pública.**

Os estudantes percebem uma grande diferença entre a universidade e a escola, havendo uma **cobrança maior em relação ao ensino médio**. Os estudantes apontaram a universidade como uma instituição mais rigorosa, um meio que cobra mais e onde o aluno precisa *“aprender e provar que aprendeu”* (Bem-te-vi), além da elevada quantidade de conteúdo em menos tempo, enquanto o ensino médio é mais fácil. Embora a afiliação ainda esteja em andamento para os estudantes, o *“provar que aprendeu”* é um importante código já identificado por eles, que se configura como uma característica de afiliação intelectual, trabalho que consiste em *“navegar com facilidade na organização, exposição e utilização adequada dos saberes”* (COULON, 2008, p. 239).

Diante dessa demanda, o estudante de medicina ressalta a importância de não deixar acumular os conteúdos para a véspera da prova, pois *“a principal dificuldade, realmente, é essa de ter que assimilar muito conteúdo em pouco tempo. É meio desesperador”* (Sabiá), *“a principal dificuldade, realmente, é essa de ter que assimilar muito conteúdo em pouco tempo.”* (Rouxinol) e *“as horas de estudo, tem que estudar bem mais”* (Colibri). Em estudo realizado com estudantes de origem popular em cursos de alto prestígio social (que inclui medicina), Carneiro (2010) aponta que o volume do conteúdo das disciplinas é o que ocasiona uma ou mais reprovações no primeiro semestre, que por sua vez, gera um distanciamento entre estudantes de escolas particulares e estudantes de escolas públicas.

As exigências não são apenas em relação à compreensão dos conteúdos, pois a universidade exige responsabilidade com os compromissos, já que o indivíduo está se formando para uma profissão e diferente da escola, *“não dá pra empurrar tudo com a barriga”* (Sabiá), é preciso se atualizar, buscar e ter compromisso. Essa postura se assemelha a do estudante profissional, que pode ser definido como *“alguém que quer aprender a se tornar autônomo, toma conta de sua formação, a considera como uma prioridade absoluta e*

que adquire uma consciência que tudo isso é condição de sua afiliação” (COULON, 2008, p. 145).

Para Rouxinol, as questões de horário, comportamento dos professores e a liberdade foram os pontos mais relevantes no tempo de transição da escola para a universidade: *“foi uma mãozada na cara muito grande”*. Dialogando com a categoria **repercussões das deficiências da escola pública**, a estudante mencionou que na escola o conteúdo é trazido pelo professor a cada aula, enquanto na universidade é preciso ler um texto a cada aula e discutir. O que nem sempre é acompanhado pelos alunos provenientes do ensino público, pois ela compara o ingresso na universidade de um aluno que não teve um ensino básico de qualidade como alguém que *“cai de paraquedas e quebra a cara no primeiro semestre”*. Utilizando exemplos práticos, descreve: *“tem assunto que o professor fala que eu já vi na escola e que muita gente não viu (...) tinha gente na sala que não sabia o que era escala numérica e gráfica, isso eu aprendi na oitava série”* (Rouxinol). Problemática relatada pela estudante de Engenharia de Minas: *“quando eu cheguei aqui no primeiro período, já vem cálculo, já vem vetorial.. aí acaba com você. Por isso que tem muita reprovação, porque são coisas que você não tá acostumado a ver.”* (Pardal). Demonstra, assim, as divergências entre universidade e ensino médio: *“a universidade é uma experiência de estranhamento radical, o saber, a linguagem, os procedimentos se organizam diferentes daquela do ensino médio”* (COULON, 2008, p. 70).

Em pesquisa qualitativa realizada por Nery e Costa (2009) com estudantes recém-ingressos na UnB pelo sistema de cotas para negros e pelo sistema universal, observou-se que o estudante cotista sente a “necessidade de provar bom desempenho acadêmico para ser reconhecido, devido ao sentimento ou experiência do preconceito gerado pelas cotas, que o perturba em sua vida na universidade.” (p. 260). De acordo com o estudo de Zago (2006), um dos maiores problemas que os estudantes de origem popular enfrentam é a questão da qualidade do ensino público, devido às lacunas de formação nas matérias básicas, como física e cálculo. A autora caracteriza a expansão do ensino superior como ineficaz diante das desigualdades dos níveis anteriores. Assim, o empenho dos estudantes tem que ser ainda maior.

O processo de adaptação envolve descobertas, erros, acertos, inseguranças e dúvidas. É o período em que o estudante entende que precisa modificar sua rotina de tal forma que consiga conciliar suas obrigações. No processo de afiliação, a fase de adaptação pode ser chamada de “tempo da aprendizagem”, onde é necessário aprender os códigos do ensino superior e como utilizar a instituição em termos de assimilação das práticas e rotinas. É estar habituado com a maneira de identificar e resolver problemas, o que vai além do trabalho intelectual para lidar com a graduação, é aprender uma nova cultura (COULON, 2008). Nesse aspecto, verificamos as categorias: **instalação das rotinas e interpretação dos códigos**.

A afiliação está sempre a se fazer à medida que novas situações surgem. "Para o aluno não auto eliminar-se, isto é, obter o fracasso ou ceder ao abandono, é necessário aprender o ofício de estudante e passar do status de estrangeiro para o de afiliado" (COULON, 2008, p.33). É através da repetição das rotinas que o estudante consegue certa adaptação, inventando formas que o façam permanecer e superar as barreiras, que têm como consequência a afiliação.

No que diz respeito à **instalação das rotinas**, os estudantes demonstram que é preciso ter estratégias para administrar o tempo e dividir as tarefas. Alguns têm aulas em horários espaçados, então se organizam e utilizam os intervalos para estudar: *“tinha hora que eu não tinha aula, aí eu fui tirando aquele horário pra estudar. Fui encaixando. Fui dando um jeito.”* (Bem-te-vi). O estudante de medicina que agora está em contato com a prática, conta como é um desafio estabelecer a rotina: *“agora você precisa aprender a conciliar o estudo na universidade, na sala de aula, o estudo em casa e a prática clínica. Começa a ter contato em si com a prática, só que começa a ficar mais puxado (...)”* (Sabiá). Outros participantes demonstraram dificuldade nessa competência e tiveram que se esforçar mais: *“Tive que passar algumas madrugadas acordado, estudando pra fazer uma prova...”* (Colibri). Carneiro (2010) aponta que é preciso uma nova construção social do tempo, isto é, o estudante reorganizar suas metodologias de estudo e elaborar estratégias de aprendizagem ao desenvolver o trabalho acadêmico.

Perguntado sobre o que havia dado errado ao ter sido reprovado em uma disciplina, Colibri relata que foi devido à distribuição do tempo, pois *“estudava mais pra uma do que*

*pra outra, ai essa outra geralmente não dava certo*”. Agora, no quinto período, conta que aprendeu a lição: *“separar o tempo certo para cada uma pra não ter problema em uma só e se dar bem na outra.”* (Colibri). Esta característica corrobora o estudo de Coulon (2008), quando afirma que é preciso fazer um cálculo com base nas propriedades temporais que toda regra apresenta, neste caso, satisfazer as obrigações curriculares e concluir o semestre. É quando o estudante começa a compreender as sutilezas do currículo e o modo de organização da universidade, o que pode ser chamado de **interpretar os códigos**.

Entrar na universidade significa adentrar por um universo desconhecido e que precisa ser desvendado. Ao se propor a isso, o estudante precisa decifrar os códigos que vão desde o convívio com veteranos, quanto em relação às próprias regras e normas da academia. Assim, pode-se dizer que a interpretação desses códigos também influencia na afiliação a esse novo contexto. Para Carneiro e Sampaio (2011), a universidade é composta de regras onde o estudante é convocado a aprendê-la ainda no primeiro semestre, o que vai garantir sua permanência naquele local.

Uma participante menciona ter tido dificuldade em ações do cotidiano para **interpretar os códigos** dos professores, como tirar cópias dos textos das disciplinas, pois eles não falavam o título do texto que deveria ser estudado para a próxima aula e esperavam que a turma lesse, além da dificuldade com os métodos de ensino dos professores. Essa mesma estudante mostra que aprendeu a distinguir quais aulas “valem a pena” ou não assistir, e quando julga que não, escolhe ficar conversando com os colegas. O que de certa forma é o descumprimento de uma regra: assistir aulas. Outro estudante compreendeu a dinâmica institucional de provas e relata: *“a partir do momento que a prova é marcada, eu num deixo pra estudar de véspera não.”* (Sabiá). Ou ainda, sobre o funcionamento da biblioteca, um estudante demonstra que este não é um ambiente para estudar, contrariando o que se imagina de uma biblioteca universitária, e ainda comenta um local alternativo de estudo: *“A biblioteca daqui parece uma feira livre. Se quer conversar, vá pra lá. Eu pego um livro, saio. (...) Sempre é o laboratório, que é mais silencioso.”* (Colibri). A estudante de física também conta que prefere estudar na sala do departamento do seu curso, por ser mais silencioso também.

Estas são interpretações particulares que deslegitimam uma regra conhecida: um bom aluno passa maior parte do tempo estudando na biblioteca.

Sobre a afiliação intelectual, Coulon (2008, p. 239) aponta que “a característica comum de qualquer passagem para o ensino superior, em todas as universidades e em todos os domínios, é a aprendizagem do trabalho autônomo” ao ponto de estar “dentro daquilo que fazemos”, ou seja: ter incorporado a tarefa e incorporar-se nela. De tal forma que o estudante seja capaz de perceber-se como membro e também identificar quem não maneja as regras, quem não é um estudante profissional. Assim, temos as seguintes categorias que demonstram a afiliação: **seguir a grade; autonomia para traçar seu itinerário e perceber-se como membro.**

A primeira regra internalizada nos estudantes é passar nas disciplinas, ou seja, conseguir **seguir a grade** curricular. Eles percebem que precisam ser aprovados e fazem questão de dizer que nunca foram reprovados, ou que foram reprovados poucas vezes, dando justificativas. Ser aprovado mostra tanto uma afiliação intelectual (porque de algum modo alguém julgou que ele dominou o conteúdo), como uma afiliação institucional (porque ele precisa dar seguimento à sua grade se quiser se formar). É como um jogo, onde o fluxograma mostra quantas casas eles precisam avançar. Para alcançar o diploma, é preciso aprovação. O aluno não percebe isso enquanto não está adaptado, porque no início ainda não entende quais as consequências de uma reprovação. O estudante pondera suas escolhas com base em certo cálculo acerca do que vai acontecer num futuro próximo, e isso se faz notório quando ele consegue compreender as sutilezas do currículo, sendo identificado como membro competente (COULON, 2008).

A partir da apropriação das regras de seguir o currículo, identificamos o surgimento da **autonomia para traçar o itinerário**. O estudante Sabiá revela que mesmo reconhecendo a importância de outros programas como PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) e PET (Programa de Educação Tutorial), tem preferência pela Monitoria, ainda que seja difícil: *“pra mim o trabalho não importa tanto, o que importa é tá exercendo a atividade, que é o que eu gosto”* (Sabiá). Já a aluna Rouxinol, fala que busca livros na biblioteca e que tem uma postura diferente agora no segundo ano de curso: *“agora no quarto*



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

*período, que eu já tô pegando mais as manhas... leio alguns textos, presto mais atenção no que leio” (Rouxinol). Esse comportamento demonstra um papel ativo na construção da trajetória universitária, um querer peculiar que revela a sua autodeterminação (PIOTTO, 2008).*

Através das entrevistas encontramos mais uma das características do ofício de estudante: aprender a se distinguir dos demais, e assim, **perceber-se como membro**. “*Não é um aluno que tá falando, é uma pessoa que vem pra faculdade*”, diz Rouxinol ao falar sobre a postura irresponsável de alguns alunos. Rouxinol se distingue como uma estudante, como alguém compromissada com a universidade. Constatação que converge com a descrição de estudante, feita por Coulon (2008, p. 106): “Ser estudante é uma situação escolhida, é se engajar em um projeto de ação que se enuncia como: estudar”. Outro estudante revela que tem colegas de sala que deixam para estudar de última hora, mas ele não, e este é um dos etnométodos que garantem seu sucesso universitário.

Com isso, concluímos que a afiliação é um processo que se inicia e continua com a agência participativa do sujeito, onde através dos dispositivos conhecidos ele irá reproduzir formas de conciliar suas obrigações e também criar novas estratégias para permanecer, apesar das adversidades que surgem ao longo da formação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ingressar na universidade e permanecer é um desafio para todo estudante, pois ocorrem diversas rupturas que influenciam no seu desempenho, seja a transição do ensino médio para o ensino superior, as mudanças próprias da fase da juventude ou mesmo o afastamento da família, são processos que necessitam muitas adaptações no cotidiano do sujeito. Com base nos estudos de Alain Coulon (2008), consideramos que é a afiliação é imprescindível para a permanência dos universitários.

Observamos que apesar das dificuldades que os estudantes de origem popular enfrentam para permanecer, os mesmos criam estratégias para continuar seguindo em direção ao diploma. Diante dos dados apresentados, compreendemos que o processo de adaptação à

vida acadêmica não ocorre de forma simples e linear, sendo a afiliação um status conquistado que deve ser trabalhado diariamente, tendo em vista que a afiliação nunca é total. Os resultados encontrados corroboram com a literatura pesquisada acerca da temática e chamam a atenção para a necessidade que existe do desenvolvimento de ações que forneçam um suporte para estudantes, não apenas respondendo às demandas das políticas de permanência, como assistência financeira e de moradia, mas também atentando para investigações mais profundas sobre quais motivos levam ou não à desistência da graduação, algo que ofereça um acolhimento continuado. Espera-se que esta experiência forneça ferramentas para acompanharmos os novos delineamentos do ensino superior a partir da recente expansão universitária, bem como abrir caminhos para novas e pertinentes investigações.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BRASIL. Constituição (2012). Lei nº 12.711, de 29 de janeiro de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL - IMPRENSA NACIONAL. 169. ed. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 30 jan. 2012. n. 169, Seção 1, p. 1-2. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cotas/legislacao.html>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

CARNEIRO, A. S. C. **Caminhos Universitários**: a permanência de estudantes de origem popular em cursos de alto prestígio. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CARNEIRO, A. S. C., SAMPAIO, S. M. R. Estudantes de origem popular e afiliação institucional. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.) **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos. Salvador, BA: Edufba, 2011. p. 54-69.

COULON, A. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

GUARNIERI, F. V.; MELO-SILVA, L. L. Perspectivas de estudantes em situação de vestibular sobre as cotas universitárias. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 3, 486-498. 2010.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo – Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 2006.

NERY, M. P.; COSTA, L. F. Afetividade entre estudantes e sistema de cotas para negros. **Paideia**. Vol. 19, N. 43, 257-266. 2009.

NERY, M. B. M. **O processo de afiliação emocional entre estudantes do programa Permanecer da UFBA**. 2011. 191 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: [http://www.pospsi.ufba.br/Matheus\\_Batalha\(tese\).pdf](http://www.pospsi.ufba.br/Matheus_Batalha(tese).pdf). Acesso em: 26 jun. 2015..

PIOTTO, D. C. Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 135, p. 701-727, set./dez. 2008.

ZAGO, N. O acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago, 2006.